

# OS PRIMÓRDIOS DA INVESTIGAÇÃO ARQUEOLÓGICA EM MOÇAMBIQUE E O PROF. SANTOS JÚNIOR. UM RECONHECIMENTO ARQUEOLÓGICO

M. Conceição Rodrigues\*

## ABSTRACT

The Pre-history and Archaeology as well as the Anthropology of the so called Overseas Provinces were matters that until the 1930's had not been studied nor researched. These fields of study were almost ignored, despite the fact that in the neighboring countries the research had long started.

These studies were considered a priority in the I Congress of Colonial Anthropology, which was held in Porto in 1934, and it was decided to implement them as soon as possible. Therefore it was created under the "Junta das Missões Geográficas e Investigações Coloniais" (JMGIC) the "Missões Antropológicas e Etnológicas" (Anthropological and Ethnological Missions) with a well defined plan and already aware of the goal to discover and study a millennial past. The first was carried out in Mozambique, due to the interest which had recently been drawn to that territory, and started in 1936.

Aiming the truly scientific knowledge of the overseas and not one that could be understood as a mere memory of the oral tradition, Prof. Mendes Corrêa was initially chosen to head the works in Mozambique, who designated his assistant Dr. Santos Júnior to go as a "specialized researcher with recognized competence".

In this work it was emphasized the results of the field works: prospection and excavation in archaeological contexts revealing datable artifacts, relevant to the Pre-history and Archaeological studies. We believe that these results and data can be complemented by other researchers in this field, but they lead to the making of the first "Archaeological plan of Mozambique", where Prof. Santos Júnior showed a keen interest to present the results of his 20 years research during the "Missão Antropológica e Etnológica de Moçambique"

## 1 - INTRODUÇÃO

Até aos anos 30 do século XX as então Províncias Ultramarinas não tinham sido alvo de qualquer estudo e pesquisa sistemática, no âmbito da Antropologia ou no que respeitava à Pré-História e à Arqueologia, temas que haviam sido praticamente ignorados, muito embora nos países africanos vizinhos há muito se viessem a desenvolver. A investigação destas temáticas só iria ser implementada a partir das conclusões do I Congresso de Antropologia Colonial, que teve lugar no Porto em 1934, tendo como ponto de partida os estudos de Mendes Corrêa e no qual foram consideradas prioritárias.

---

\* Investigador do IICT.

Com o objectivo de se obter um conhecimento “científico” das então províncias ultramarinas, que não se confundia com a memória ou “tradição oral” das suas populações houve que avançar para o terreno, dado que a África não podia ser estudada da Europa. Assim, foram criadas as Missões Antropológicas e Etnológicas, no âmbito da instituição que desde há muito vinha desenvolvendo as suas actividades no campo da Geografia, nos actuais países de expressão portuguesa: a então Junta das Missões Geográficas e Investigações Coloniais (JMGC). A primeira Missão foi a de Moçambique, dado o grande interesse que por aquele território havia nascido, levando a que as suas actividades se iniciassem em 1936.

A personagem à partida escolhida para realizar os trabalhos de investigação em Moçambique foi Mendes Corrêa (professor de Antropologia da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto)<sup>1</sup>, tendo este designado o seu Assistente, o Dr. Santos Júnior<sup>2</sup> considerado um “investigador especializado e de reconhecida competência”.

Neste trabalho vamos procurar assinalar a importância dos benefícios da informação fornecida que pode ser complementada por outros investigadores que se ocupem desta área. O ponto de partida são as referências obtidas a partir dos trabalhos de campo, nos domínios da Pré-História e Arqueologia, revelados pela prospecção e escavação em contextos arqueológicos que forneceram conjuntos artefactuais de cronologia determinável. O tratamento destes dados conduziram à construção da Carta da Pré-História de Moçambique, na qual o Prof. Santos Júnior revelou o maior interesse pela apresentação da sistematização da pesquisa de campo que efectuou durante a vigência da Missão Antropológica e Etnológica de Moçambique.

## 2 - DADOS HISTÓRICOS

### *- A Missão Antropológica de Moçambique*

Os trabalhos de investigação no âmbito das Missões Antropológicas em Moçambique foram iniciados no longínquo ano de 1936 e findos em 1956. Os campos de acção e as tarefas que lhe foram cometidas tiveram como base as que foram consideradas prioritárias e haviam sido definidas de acordo com as teses defendidas e aprovadas no I Congresso Colonial.

A análise dessas propostas e das actividades desenvolvidas no âmbito da Missão Antropológica e Etnológica de Moçambique permitem assinalar que o Prof. Santos Júnior fez investigação e recolha de dados referentes à Antropologia Física ou Antropometria, prospecção, escavação e recolha de vestígios de ocupação relativamente à Pré-História e Idade do Ferro africana, bem como de materiais etno-arqueológicos em praticamente todo o Moçambique. Todas estas actividades, além dos trabalhos que deu à estampa, foram desenvolvidas durante o período de vigência da Missão, tendo conseguido realizar uma investigação em moldes científicos que se pode considerar exemplar, sem atendermos às dificuldades de vária ordem que teve de vencer, além do factor tempo atribuído para cada campanha.

Administrativamente, a criação das Missões Antropológicas surgiu por decisão conjunta do Instituto de Alta Cultura e da Junta das Missões Geográficas e Investigações Coloniais e definidas por Decreto-Lei, no caso de Moçambique, datado de 28 de Julho de 1936 (sendo Ministro das Colónias Francisco Vieira Machado). Era então presidente da Junta o contra-almirante Manuel Santos Fradique, sucessor do Almirante Gago Coutinho, que foi o primeiro Presidente da Junta das Missões Geográficas e Investigações Coloniais e fora aquele o responsável pelo avanço da investigação em direcção a Moçambique, além do Prof. Mendes Corrêa.

A primeira Campanha da Missão Antropológica e Etnológica de Moçambique teve o seu início em 30 de Julho de 1936, cabendo a Santos Júnior o mérito da descoberta da 1ª estação da Idade

---

1 - Foi em 1946 nomeado presidente da Junta das Missões Geográficas e de Investigações do Ultramar e posteriormente presidente da Sociedade de Geografia de Lisboa.

2 - Joaquim Rodrigues dos Santos Júnior terminou a sua primeira licenciatura em Ciências Histórico Naturais na Universidade do Porto, em 1922-23. Frequentou, depois, a Faculdade de Medicina, concluindo a sua segunda licenciatura em Medicina e Cirurgia em 1931-32.

da Pedra em Moçambique, Vale do Zambeze, no ano de 1936: a Estação Lítica de Marissa<sup>3</sup>. Até essa data os conhecimentos sobre aquele imenso território da África Austral eram apenas os referidos por Mendes Corrêa no trabalho apresentado no Congresso Colonial de 1934 (*Pré-história de Moçambique. Um plano de estudos*), cabendo por conseguinte a L. Peringuey<sup>4</sup> a primeira notícia sobre peças líticas recolhidas em Moçambique e publicada em 1912.

Em Portugal a primeira referência surge em 1913, no Arqueólogo Português, relativa a uma peça lítica descrita por Leite de Vasconcelos<sup>5</sup> e que havia sido recolhida no Rio Buzi. Posteriormente, E. J. Wayland, em 1915, publica na Revista MAN<sup>6</sup>, uma nota sobre os seus achados.

A Missão teve a designação de Antropológica e Etnológica de Moçambique, como todas as outras criadas posteriormente no âmbito da MGIC para Angola, Guiné e Timor. Às Missões cabia o estudo das populações do ponto de vista bioétnico e ainda propor medidas para preservar os valores humanos e as suas respectivas culturas. O Prof. Santos Júnior dedicou-se de acordo com as suas palavras “de alma e coração ao trabalho”, tarefa incomensurável, que consistia em dar ao conhecimento científico a terra moçambicana com os seus quase 800.000 quilómetros quadrados.

A teoria do Funcionalismo, paradigma que procurou estabelecer um novo método antropológico e se tornou num marco ao considerar a importância da observação directa de grupos sociais quanto ao seu comportamento e organização apoiada na noção de necessidade, deve ter tido algum importância quanto ao plano de trabalho.

O programa superiormente estabelecido para cada uma das campanhas foi basicamente o mesmo ao longo dos vinte anos de vigência da missão. Este era desenvolvido a partir de um plano científico-político previamente estabelecido, conjugado com o plano de actividades estruturado e proposto por Santos Júnior, tendo em conta a área geográfica a investigar e aprovado pelo Presidente da Junta e pelo Ministro do Ultramar. Importa referir, que na primeira campanha grande parte do tempo foi dedicado pelo professor a um programa centrado mais em visitas de estudo e contactos profissionais com especialistas a trabalhar na África do Sul, na Zâmbia e Zimbabué (então Rodésias).

O interesse pelo significado dos diferentes valores culturais e de fundamentos antropológicos, face às então descobertas do *Australopithecus Africanus*, levou Santos Júnior a estabelecer contactos com diferentes investigadores da África Austral, os quais foram também fundamentais, para lhe permitir uma integração na problemática científica africana. O plano de actividades que teve de seguir não lhe tivesse permitido longas permanências em qualquer dos locais a estudar, variando apenas no âmbito geográfico e nos meios de transporte utilizados que foram desde a machila, ao burro, da caminheta à camioneta, das jangadas ao barco, a par das grandes caminhadas a pé através do mato.

As campanhas foram na sua totalidade seis. A primeira e a segunda decorreram respectivamente nos anos de 1936 e 1937, ainda agregadas à Missão Geográfica de Moçambique. Com a reforma de 1945, a Junta foi reestruturada e passou a ter a designação de Junta de Investigações Coloniais (depois do Ultramar). Importa aqui salientar, que ao reconhecimento geográfico de Moçambique se acrescentou desde então o reconhecimento científico, muito embora a investigação fosse inicialmente vista como uma actividade do indivíduo em parte isolado, dado que o espírito do explorador do século XIX continuava a ter grande peso nos meios académicos e científicos. A partir da 3ª campanha da Missão Antropológica e Etnológica de Moçambique, que teve lugar no ano de 1945, o professor pôde dispor de uma equipa.

Do ponto de vista histórico, com o fim da II Grande Guerra e o regresso da paz desenvolveu-se um enorme interesse pelo estudo do continente africano. Deste modo, a Junta de Investigações do Ultramar iria adquirir um prestígio invejável e realizar trabalhos de grande alcance e actualidade científica. Em 1946, teve lugar a quarta campanha, em 1948 a quinta e em 1955/56 a sexta e última campanha. O Prof. Santos Júnior é sem dúvida, considerado um dos seus brilhantes investigadores,

3 - 1937- *Contribuição para o Estudo da Idade da Pedra em Moçambique. A Estação Lítica de Marissa (Tete). Moçambique.*

4 - 1912 - Our Prehistoric Stone Implements. *Mozambique Gazette*, vol.I, nº1 :10

como o assinalaram o senhor Presidente do IICT (instituição herdeira da Junta de Investigações Científicas do Ultramar) e o então Director do Departamento de Ciências Históricas, Económicas e Sociológicas, Prof. Luís Albuquerque, além do apreço manifestado pelos diversos colaboradores que participaram nos volumes de homenagem que lhe foram dedicados por aquela centenária instituição (ver bibliografia).

### 3-CONTRIBUIÇÃO CIENTÍFICA DA MISSÃO ANTROPOLÓGICA DE MOÇAMBIQUE

Em conformidade com o programa superiormente estabelecido, os estudos de Antropologia Física ocuparam cerca de 75% das actividades do trabalho de campo efectuado, restando para as actividades relacionadas com pesquisa e recolha de dados e espólios nos domínios da etnografia, de pré-história e arqueologia apenas cerca de 25% do tempo determinado para cada campanha.

Por conseguinte, a investigação desenvolvida abrangia não só o estudo físico ou somático do homem por etnias, como abarcava igualmente as suas manifestações culturais. Podemos mesmo afirmar que no seu conceito largo de Antropologia estavam incluídas a Pré-História e a Arqueologia. O Prof. Santos Júnior tinha ainda em vista a criação de um Museu dedicado ao então Ultramar; foi dentro destes conceitos e parâmetros que se pautaram os trabalhos de campo e as investigações efectuadas durante a vigência da Missão.

O plano de estudos e pesquisa desenvolvido pode actualmente ser susceptível de críticas, nomeadamente no que concerne à Pré-História e Arqueologia, mas o seu mérito não deixa de ser evidente, pois foram localizadas dezenas de estações líticas, cujo impacte científico na segunda metade dos anos 30, principalmente, não é hoje fácil de avaliar, mas foi certamente considerável, bem como o que respeita à localização e estudo de estações de Arte Rupestre.

Na realidade, até 1936 as informações disponíveis sobre indústrias líticas em Moçambique, como assinalámos, eram muito limitadas e o Prof. Mendes Corrêa em 1936, ao traçar “um plano para o estudo da Pré-História de Moçambique”, não encontrou também outras referências relativamente a estudos anteriormente efectuados. Ao Prof. Santos Junior cabe, sem dúvida, o mérito do início dos estudos de Pré-História e a descoberta da primeira estação da Idade da Pedra (Fig. 1).

As pesquisas para a recolha de dados no campo da arqueologia não puderam ser efectuadas com maior metodologia científica, porque o Prof. não dispunha de elementos especializados para esse fim, nem havia sido definido ou elaborado um projecto prévio, contrariamente ao que acontecia para os trabalhos de Antropologia Física, porque as Missões tinham como objectivo prioritário o estudo bioétnico das suas populações, segundo os padrões da época e a investigação arqueológica no mundo africano estava ainda a dar os primeiros passos.

Não podemos deixar de referir que nas duas primeiras campanhas, Santos Júnior foi mandado sózinho para Moçambique, sendo lhe agregado como colaborador um chefe de polícia e posteriormente um agricultor, que lhe servia de “língua” (vocábulo correspondente a intérprete), dado a sua longa permanência em África. Não pôde dispor de colaboradores especializados, que permitissem um estudo mais aprofundado de áreas específicas, como sejam a Linguística e a Arqueologia. Apesar disso, Santos Júnior localizou cerca de 70 estações líticas que abrangem toda a Pré-História, as quais forneceram vários milhares de peças líticas, estudou e efectuou *in situ* o levantamento com o máximo rigor de 12 estações de Arte Rupestre. Algumas delas haviam sido vistas ou até referidas anteriormente, não lhe retirando porém, o mérito de ter sido, sem dúvida, um pioneiro nos estudos da Pré-História e da Arte Parietal em Moçambique e de ter feito um reconhecimento sistemático de praticamente todo aquele imenso território que percorreu nos domínios da Etnologia, da Pré-História e Arqueologia.

Os testemunhos recolhidos durante as campanhas da Missão permitiram-lhe elaborar e publicar as primeiras três “cartas temáticas” relativamente a Moçambique: a «Carta da Pré-História»,

5 - 1913 - Instrumentos Pre-históricos da África Portuguesa. *Archeólogo Portugues*, vol. XXVIII: 174 -177, Lisboa

6 - 1915 - Notes on the occurrence of stone implements in the province of Mozambique. *Man*, nº 57, tomo XV: 97 - 101, Londres.

a «Carta da Arte Rupestre» e a «Carta Etnológica», que continuam a ser válidas e de consulta obrigatória para os estudiosos daquela zona da África Austral.

A Carta da Pré-História (Fig. 2)<sup>7</sup>, que apresentamos, é na realidade a primeira Carta Arqueológica, concebida numa escala reduzida e publicada em 1950, respondendo segundo Santos Júnior a um dos votos aprovados no 1º Congresso da Sociedade de Estudos de Moçambique, realizado em Setembro de 1947 (em Lourenço Marques), hoje Maputo. Esta Carta foi para aquele professor fundamentalmente uma “notícia” (1950: 647), na qual divulga a distribuição das estações líticas, dos abrigos que registam a presença de arte rupestre e os recintos muralhados, abarcando cronologicamente os períodos designados Idade da Pedra e Idade do Ferro africana.

No nosso entender, com a organização desta Carta o professor Santos Júnior pretendeu não só dar testemunho da contribuição da missão que vinha chefiando para o registo dos estudos arqueológicos, como chamar a atenção para a importância da presença do homem desde a Pré-História na terra africana, bem como do de outros estudiosos da arqueologia de Moçambique, tais como Leren Barradas, Alexandre Borges, Riet Low, Henri Breuil, Bettencourt Dias e Simões Alberto tendo este último feito parte da sua equipa de trabalho.

Na “Carta da Pré-História” que publicou em 1950 com a legenda das estações, Santos Júnior apresentou um levantamento do estado dos conhecimentos no final das cinco campanhas da Missão Antropológica e Etnológica já realizadas (por lapso não incluiu a estação de Marissa, razão pela qual resolvemos incluí-la com o número 0). Teve ainda como objectivo mostrar a dificuldade em referenciar os sítios arqueológicos por aquele método e escala, dada a quantidade de estações localizadas. Esta problemática levou-o a propôr a publicação de cartas parciais e em maior escala, estudo que considerou de grande utilidade, para permitir a sua localização mais precisa. Preconiza ainda a importância de uma estreita colaboração entre os arqueólogos e os geólogos, ao referir que os estudos geológicos eram indispensáveis, dado que a maioria das estações líticas se localizavam em terraços fluviais e assim poder-se-ia efectuar convenientemente o seu estudo. Daí, o professor ter trabalhado com o geólogo e arqueólogo Carlos Ervedosa quando tentou retomar o estudo de estações líticas do Vale do Zambeze, como o documenta o trabalho publicado, em 1968, sobre A Estação Paleolítica de Samuane.

Após a sexta campanha que decorreu em 1955/56, Santos Júnior retomou a elaboração ou a actualização daquela que viria a ser a sua última «Carta da Pré-História», na qual parece não ter incluído legenda, apenas símbolos no levantamento elaborado (Fig. 3). É mais uma vez uma Carta Arqueológica e original, esta que agora apresentamos e na qual o professor incluiu também as estações que localizou durante a última Campanha, quer no Vale do Zambeze, província de Tete, quer na então província do Sul do Save (Fig. 4 e 5).

Parece-nos importante referir que as recolhas de materiais líticos que efectuou são na sua grande maioria recolhas de superfície e efectuadas por vezes em condições difíceis, sob todos os aspectos, mais ainda porque em África, as estações líticas distribuem-se por grandes superfícies e o Prof. Santos Júnior não dispunha de muito tempo para os trabalhos de arqueologia. A referenciação deste tipo de estações apenas de superfície, o que aliás é comum em África, correspondem, ou melhor, inserem-se com toda a propriedade nos parâmetros definidos/redefinidos por R. Summer<sup>8</sup>, sobre o que se entende por uma estação em relação ao Paleolítico “A existência de uma acumulação à superfície, bem definida de artefactos”.

No que respeita à Arte Parietal, os estudos que realizou são do maior interesse, tendo permitido elaborar e apresentar um magnífico trabalho sobre os diferentes núcleos de pinturas como os de Chifumbazi, Chicolone, Monte Churo, Mavita e Riane (sendo este painel considerado um dos mais belos de África) (Fig. 6), e outros no Congresso Panafricano de Pré-História (Argélia, 1952), para o qual elaborou e apresentou também a «Carta da Arte Rupestre de Moçambique» (Fig. 7)<sup>9</sup>. Esta Carta

7 - 1950 - Carta da Pré-História de Moçambique, XIII Congresso Luso Espanhol para o Progresso das Ciências, Tomo V, 4ª Secção, Ciências Naturais.

8 - 1975, *Archaeological Site Enumeration*, nº 6.

assinala as estações que estudou e referenciou, bem como as que teve conhecimento, procurando a articulação da metodologia da inventariação com a da representação.

No que concerne aos estudos etnológicos, largamente desenvolvidos por Santos Júnior e dedicados atentamente aos usos e costumes, artes, técnicas, magia e religião, são hoje como ontem um factor determinante para uma melhor compreensão do homem africano e do seu meio. Este interesse permitiu recolher um conjunto muito significativo de artefactos etno-arqueológicos que documentam a importância desses valores e a produção de uma qualificada realização iconográfica. É oportuno destacar o conjunto de Máscaras Mapico (recolhido nos Macondes em 1946), uma qualificada recolha de instrumentos musicais e um notável conjunto de recipientes cerâmicos (provenientes de Tete e recolhidos em 1936 e já estudados pela autora), de machados de trabalho e de prestígio, de artefactos de adorno e um interessante espólio etno-iátrico, de diferentes Curandeiros e proveniências provavelmente o único no género até hoje recolhido naquelas paragens.

#### 4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se a tarefa da Arqueologia é "o estudo do passado para melhor se compreender e avançar para o futuro" a contribuição dada por Santos Júnior como investigador no período de vinte anos de vigência da Missão Antropológica de Moçambique, onde a pesquisa sistemática desenvolvida, paralelamente à de professor na Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, bem como os trabalhos publicados, são o resultado de um esforço notável. No que respeita ao trabalho desenvolvido como investigador em Moçambique, no âmbito da Missão Antropológica foi certamente dos mais completos realizado naquela área da costa oriental da África Austral.

O espólio que conseguiu recolher permite uma viagem ao passado desde os tempos remotos do paleolítico ao passado recente, dadas as grandes modificações que se têm feito sentir na sociedade africana de hoje. Merece especial relevo o espólio lítico que engloba desde o Early Stone Age (ESA) ao Later Stone Age (LSA) e o qualificado material cerâmico que documenta os primórdios da Early Iron Age até à fase Recente, reflectindo as diferentes tradições da cerâmica da Idade do Ferro africana. O seu estudo laboratorial permite determinar a diversidade de tipologias e cronologia.

O levantamento da Arte Parietal documenta e estabelece estratigrafias estilísticas de importância vital para a análise diacrónica das temáticas da primeira grande manifestação da Arte Negra. Importa não esquecer que entre os diferentes episódios de realização documentados com representação de motivos naturalistas, esquemáticos ou simbólicos, temos realizações com intervalos de milhares de anos.

As cartas que o professor elaborou e designou por «Carta da Pré-História de Moçambique» são por direito Cartas Arqueológicas, complementadas ainda pela «Carta da Arte Rupestre», as quais permitem não só o registo das cerca de 80 estações líticas e dos outros sítios arqueológicos que localizou, como uma rápida leitura da presença crono-cultural do homem no território de Moçambique.

Os dados etnológicos, que recolheu, permitem avaliar e estudar os hábitos, usos e costumes do dia a dia das diferentes populações que habitavam aquele território, os quais abarcam igualmente as suas manifestações socio-culturais, além de constituírem um trabalho pioneiro. Esta metodologia englobando - aldeia- população - artefacto - somente a partir da década de 70 se veio a definir com o desenvolvimento da Arqueologia Funcional e da Experimental, levando a que, a partir da década de 80, a Arqueologia passasse a ser considerada como uma Ciência Social.

Toda esta problemática porém, parece ter já estado presente no espírito do Prof. Santos Júnior e posta em prática no trabalho desenvolvido durante a vigência da Missão, ao fazer a abordagem global de um espaço cultural, isto é, ao abarcar simultaneamente aquela trilogia.

Convém salientar que o professor alertou ainda, nos seus escritos, para as transformações que já se começavam a fazer sentir no continente africano e para a necessidade urgente de um estudo mais aprofundado em todos os campos de Antropologia.

---

9 - 1952, Les Peintures Rupestres du Mozambique. Actes du Congrès Panafricain de Préhistoire: 747 a 760.

A dimensão do trabalho que realizou como investigador e professor é dos mais longos e produtivos do século XX, quer do ponto de vista quantitativo quer do qualitativo, pois nele se evidencia uma circunstanciada e bem documentada leitura das civilizações africanas, respeitando e exaltando os valores tradicionais como elemento da sua identidade socio-cultural e, por conseguinte, fundamentais para o estudo e valorização do território de Moçambique no contexto da História da África Austral.

Lisboa, Julho de 1999

## 5 - BIBLIOGRAFIA

MENDES CORRÊA, A.A.- 1936, *Pré-história de Moçambique - Um plano de Estudos*. Faculdade de Ciências do Porto. Imprensa Portuguesa, Porto

SANTOS JÚNIOR, J. R. - 1937, *Contribuição para o estudo da Idade da Pedra em Moçambique. A estação lítica de Marissa (Tete), Moçambique*. Lourenço Marques.

- 1941, *On the Prehistory of Mozambique*. Lourenço Marques.

- 1950, Carta da Pré-História de Moçambique. *XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*. Lisboa.

- 1955, Les Peintures Rupestres du Mozambique. *Actes du Congrès Panafricain de Préhistoire*. Alger.

- 1966, Pinturas Rupestres de Moçambique. *Comemorações do 1º Centenário da Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Lisboa.

SUMMER, R.-1975, *Archaeological Site Enumeration*, nº 6. Berkeley.

RODRIGUES, M. Conceição -1990, A Investigação de Ontem e a sua Contribuição para um Melhor Conhecimento do Futuro *Homenagem a J.R. dos Santos Júnior*, vol I, IICT, Lisboa. (Este trabalho contém a bibliografia referente às publicações efectuadas pelo Prof. Santos Júnior e elementos da sua equipa no âmbito da MAM)

-1993, *Cerâmica Tradicional Recente - Sobrevivência de "tipos" da Idade do Ferro Africana - Tete, Moçambique*. vol II, IICT, Lisboa.

SANTOS, Nuno C. - 1990, Pré-História do Zambeze (Moçambique) - Do descobrimento às técnicas do registo. *Homenagem a J.R. dos Santos Júnior*, vol I, IICT, Lisboa.





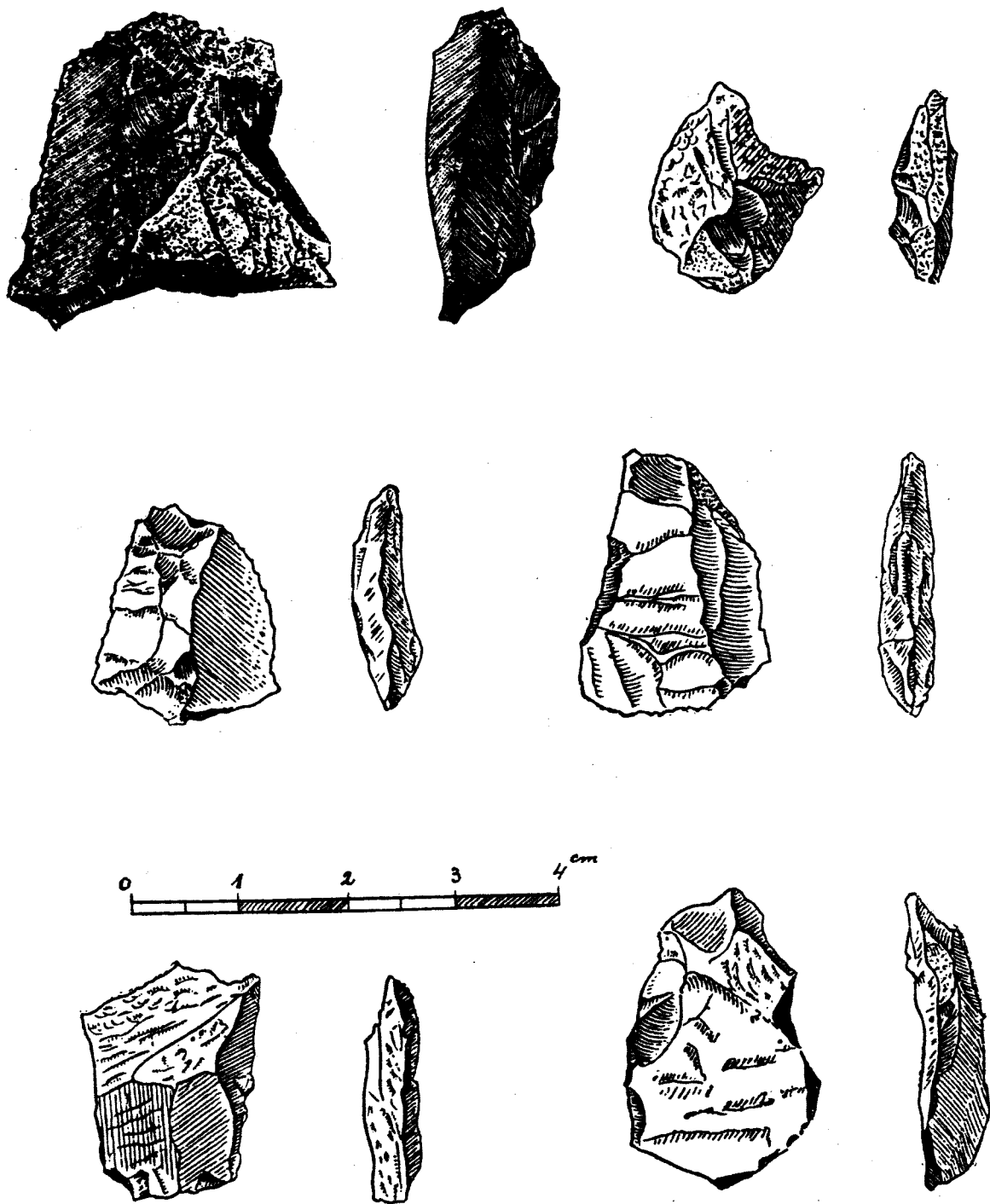


Fig. 1 - Peças líticas da estação Pré-Histórica de Marissa (segundo Santos Júnior e publicadas em 1937)



Fig. 2 - Carta da Pré-História de Moçambique (publicada por Santos Júnior em 1950)

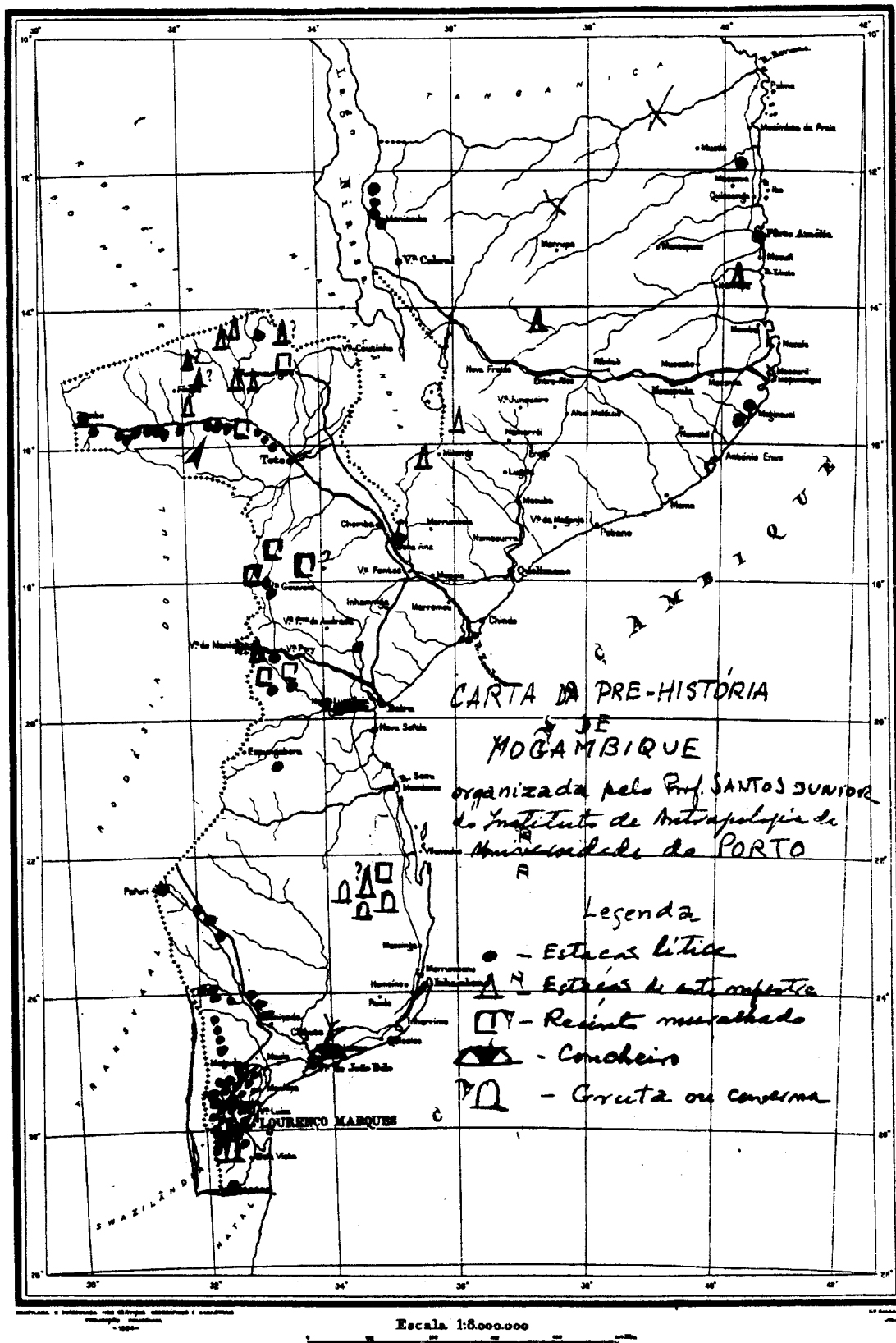


Fig. 3 - Carta da Pré-História de Moçambique (actualizada por Santos Júnior depois da última campanha da M.A.M. 1955 / 1956)

PORTUGALIA

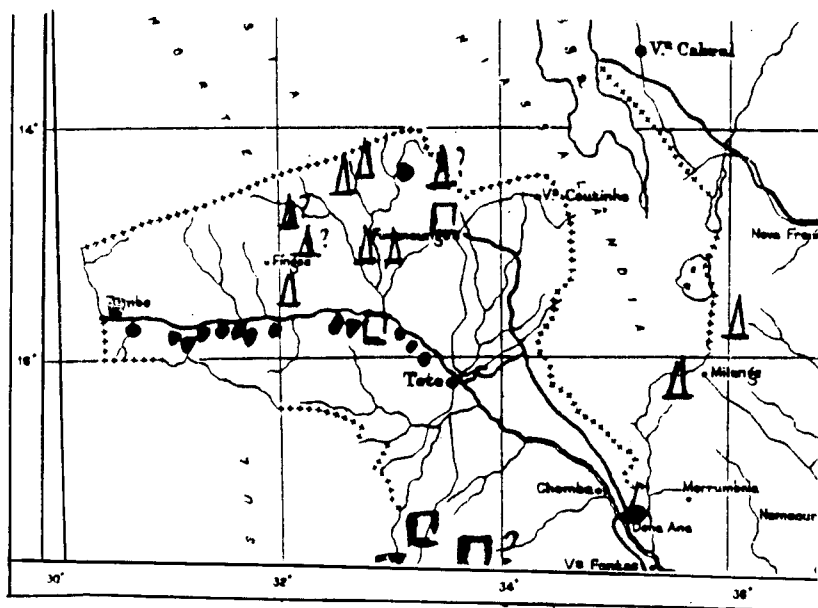


Fig.4 - Pormenor da Carta da figura .3 - Província de Tete. (com as estações que localizou em 1955 / 56 e assinala a estação de Marissa)

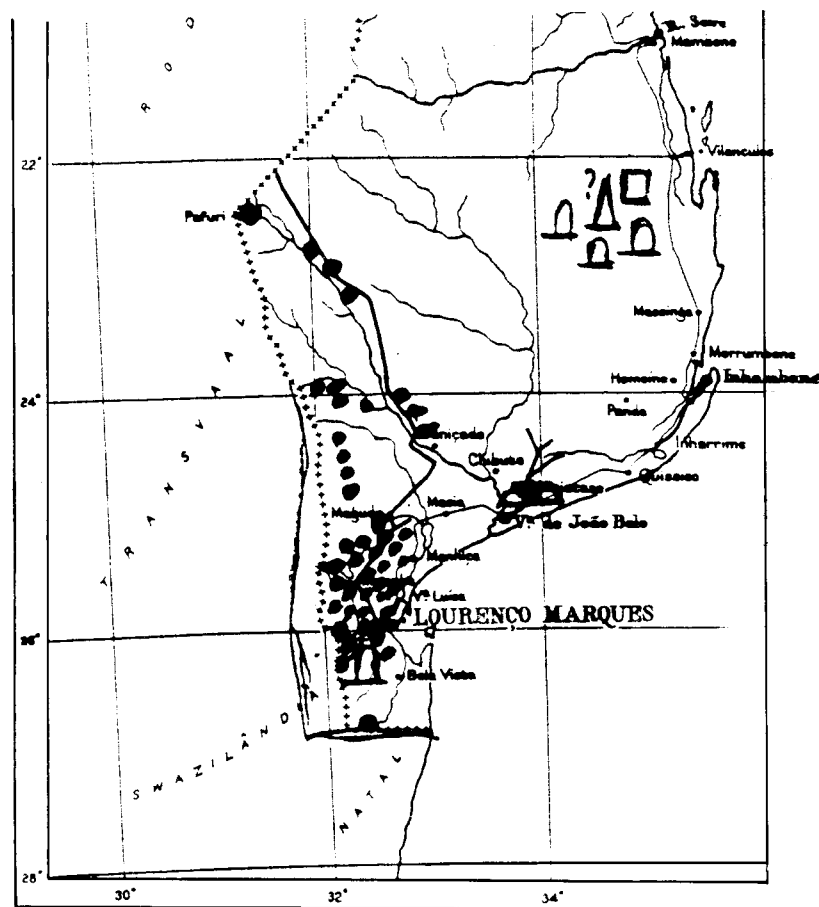


Fig. 5 - Pormenor da Carta da figura 3 - Província do Sul do Save. (assinala o núcleo de estações que localizou em 1955 / 56)

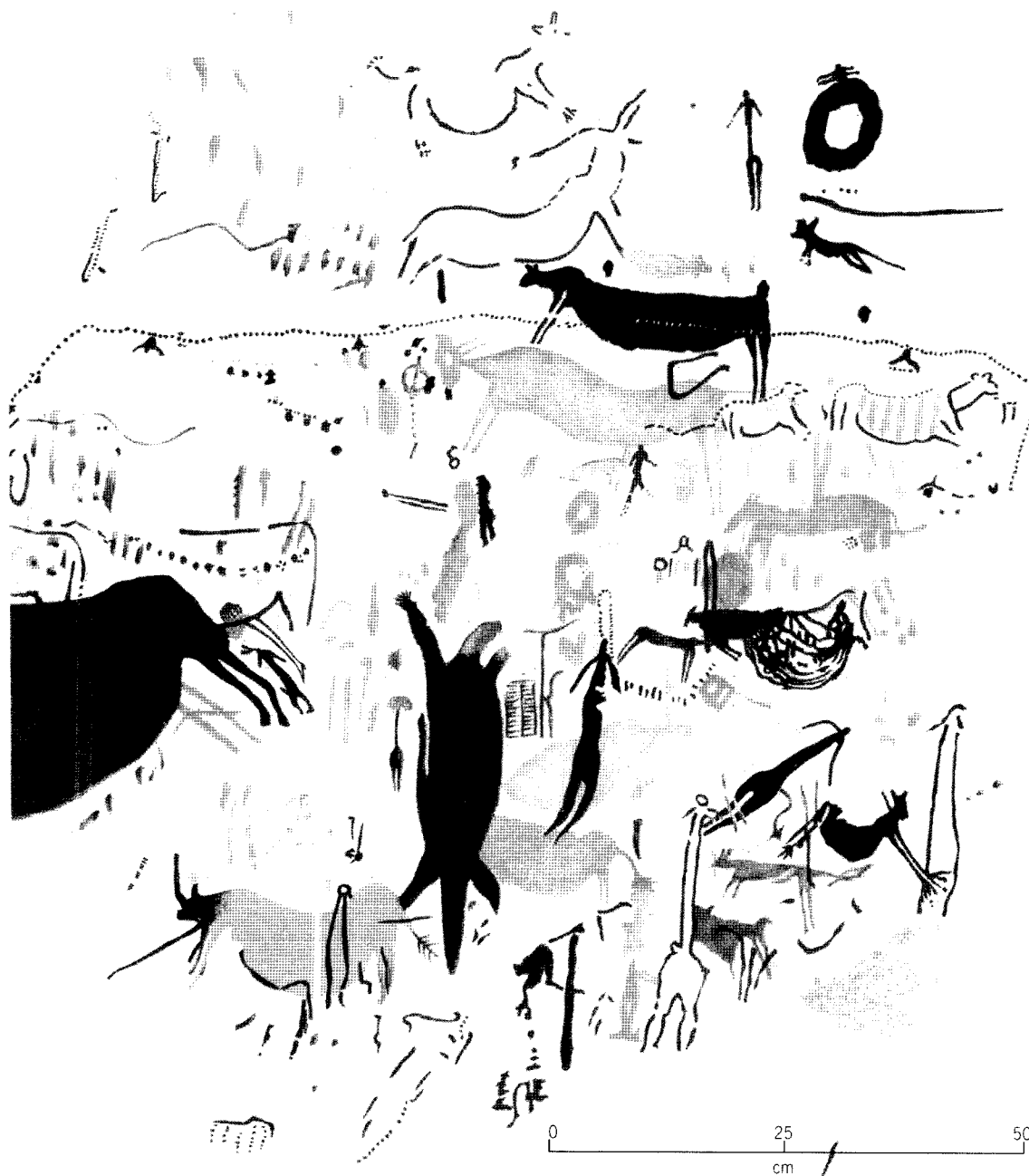


Fig. 6 - Pormenor das pinturas da estação de Arte Rupestre - Gruta de Riane (estudada por Santos Júnior em 1946)

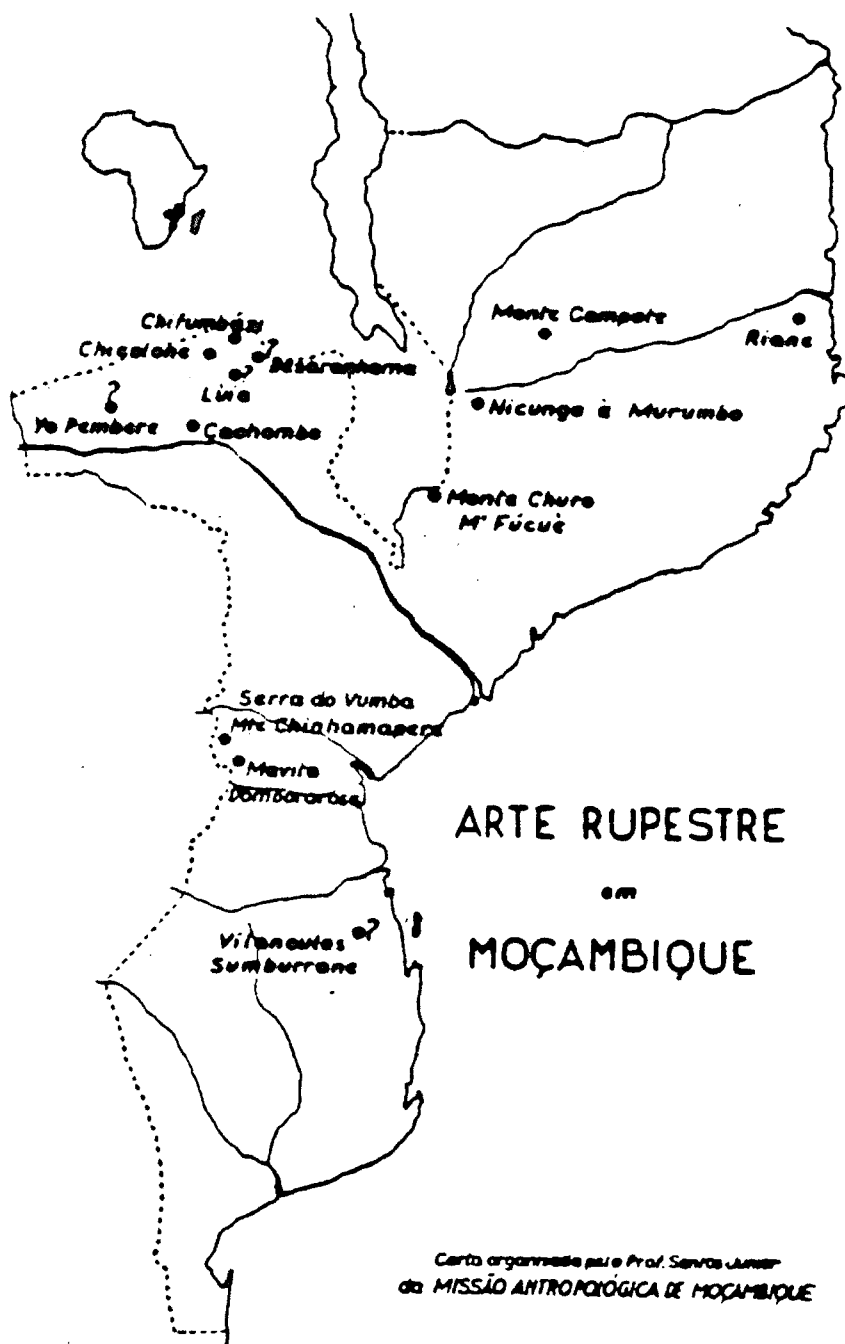


Fig. 7 - Carta da Arte Rupestre de Moçambique (apresentada no Congresso Panafricano de Argel -1952).